

## NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E AUTOBIOGRÁFICAS NA (E PARA A) FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Maria Laura Magalhães Gomes*  
UFMG – Belo Horizonte  
[mlauramgomes@gmail.com](mailto:mlauramgomes@gmail.com)

*Vinícius Sanches Tizzo*  
UNESP – Rio Claro  
[viniciustizzo@hotmail.com](mailto:viniciustizzo@hotmail.com)

*Heloisa da Silva*  
UNESP – Rio Claro  
[heloisas@rc.unesp.br](mailto:heloisas@rc.unesp.br)

### **Resumo:**

O minicurso focalizará o uso de narrativas biográficas e autobiográficas na formação de professores de Matemática. Dois exemplos serão discutidos: 1) escrita de narrativas autobiográficas na disciplina História do Ensino da Matemática, na formação de licenciandos a distância da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); 2) uso da História Oral como abordagem didático-pedagógica na disciplina Política Educacional Brasileira, do curso de licenciatura em Matemática da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no Campus de Rio Claro.

**Palavras-chave:** Formação de professores de Matemática; Narrativas biográficas e autobiográficas; História Oral; História da Educação Matemática.

### **1. Introdução**

Este minicurso pretende discutir as potencialidades da utilização de narrativas biográficas e autobiográficas na formação inicial de professores de Matemática por meio de dois exemplos. O primeiro se refere à leitura e à escrita de narrativas autobiográficas na disciplina História do Ensino da Matemática, integrante do currículo da licenciatura a distância da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O segundo está relacionado a parte de uma pesquisa de mestrado, que visa aplicar e analisar estratégias elaboradas de ensino que permitam compreender de que modo e em que medida a História Oral contribui como uma abordagem didático-pedagógica na disciplina Política Educacional Brasileira, oferecida ao curso de licenciatura em Matemática da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no campus de Rio Claro.

Neste trabalho, definimos a narrativa, em um primeiro momento, como “a manifestação de história(s)” ou “modos de contar casos” (GARNICA, no prelo). Com isso, consideramos como narrativas, portanto, não somente textos escritos ou orais, mas “dados” inscritos em distintos suportes, que vão além do papel ou da gravação, como fotografias, pinturas, etc. Aprofundando mais essa noção, pautamo-nos em Bolívar, Domingo e Fernández (2001), que compreendem a narrativa como “uma reconstrução da experiência a partir da qual, mediante um processo reflexivo, é possível atribuir significado ao vivido” (p. 20)<sup>1</sup>.

Concordamos com Nacarato e Passeggi (2011) que são diversas as possibilidades de realizar um trabalho com narrativas: narrativas (auto)biográficas, narrativas de formação, narrativas de aulas, narrativas da experiência, dentre outras. Além disso, esse trabalho pode acontecer em situações de pesquisa, formação ou desenvolvimento profissional. Em geral, na área da Educação Matemática, trabalhos desse tipo têm sido feitos a partir de narrativas produzidas por pessoas inseridas em cursos de formação. É o caso dos estudos de Nacarato e Passeggi (2011), Megid e Fiorentini (2011), Fernandes (2011), Chapman (2008), Freitas e Fiorentini (2007).

No entanto, os dois trabalhos aqui focalizados, que envolvem o uso de narrativas na formação inicial de professores de Matemática, além de abrangerem narrativas produzidas por futuros professores em processo de formação, abarcam o uso de narrativas orais e escritas de pessoas externas a esse processo, mas cujos relatos podem contribuir para ele em diferentes perspectivas.

A história tem sido apontada, tanto nas pesquisas quanto nas propostas curriculares, como um dos componentes importantes nas questões em torno do ensino e da aprendizagem da Matemática, enfatizando-se suas diversas potencialidades. Essa posição favorável à participação da história nas práticas pedagógicas da educação escolar se tem feito acompanhar, em geral, de uma preocupação com a presença de disciplinas que envolvam história nos cursos de formação de professores.

A compreensão histórica de diversos aspectos ligados à formação e à atuação docentes, a partir de concepções passadas e presentes, é um elemento de importância considerável na formação docente, pois esses conhecimentos, adequadamente problematizados, podem levar os estudantes a entenderem melhor suas próprias

---

<sup>1</sup> Compreendemos a experiência como em Larossa (2002): “é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente ‘ex-iste’ de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente” (p. 25). A experiência é aquilo que nos acontece, que nos toca.

concepções sobre a profissão de professor e sobre as práticas em relação à Matemática. Mais ainda, esses conhecimentos têm o potencial de contribuir para a proposição, pelos professores, de formas alternativas positivas de atuação em relação ao que se tem feito na maioria das vezes – reproduzir práticas inadequadas do passado, mesmo sem entendê-las.

Uma das maneiras de se promover uma abordagem da História da Educação Matemática é a apresentação de fontes autobiográficas, evidenciando ao estudante sua relevância para o conhecimento do passado do ensino da Matemática no Brasil, por intermédio da leitura de excertos de livros de memórias de autores brasileiros que viveram no século XX e relatam, em suas obras, suas experiências escolares. Na valorização da escrita autobiográfica para a história, recorreremos às palavras de Paul Ricoeur ao referir-se à memória como matriz da história, “na medida em que ela continua sendo a guardiã da problemática da relação representativa do presente com o passado” (RICOEUR, 2007, p.100).

Consideramos importante, ainda, conduzir o licenciando à própria inserção como sujeito da história do ensino da Matemática no Brasil pela escrita de um texto memorialístico. Para isso, temos proposto uma reflexão sobre a vida pessoal e escolar do estudante a partir da leitura de textos autorreferenciais de escritores brasileiros, bem como a escrita de uma narrativa autobiográfica própria com base em um roteiro previamente estabelecido.

Por outro lado, levando em conta que a metodologia da História Oral tem trazido significativas contribuições para as pesquisas no campo da Educação Matemática, pressupomos que essa abordagem também possa cooperar de modo a potencializar a formação inicial do professor de Matemática. Acreditamos que a História Oral, ao valorizar o contato do futuro professor com experiências narradas sobre situações escolares e de ensino, pode contribuir substancialmente com sua formação, pois o coloca em um exercício de compreensão dos aspectos que circundam essas experiências ao tentar estabelecer coerências para as afirmações das narrativas, e ao avaliar os significados que elas têm para o ensino e situações da escola.

O trabalho de Shulman (1986) revela que o professor está sempre em formação e que suas experiências como aluno corroboram momentos em que ele já refletiu sobre os significados de certas práticas ou simplesmente as absorveu. Por isso, acreditamos que um curso de licenciatura deva se valer de tais experiências, promover situações que façam o

licenciando compartilhar suas crenças e discutir sobre as consequências que elas podem ter em um contexto escolar ou de sala de aula.

Propomos, portanto, apresentar as potencialidades da utilização de narrativas na formação do professor e expor a busca pela constituição de um referencial consistente sobre essa abordagem na formação do professor de Matemática. É nessa direção que pesquisas vinculadas ao GHOEM<sup>2</sup>, tais como as aqui abordadas, estão sendo desenvolvidas.

## **2. Escrita de narrativas autobiográficas na disciplina História do Ensino da Matemática na formação de licenciandos a distância da Universidade Federal de Minas Gerais**

A disciplina História do Ensino da Matemática compõe a matriz curricular do terceiro ano do curso de licenciatura em Matemática a distância da Universidade Federal de Minas Gerais<sup>3</sup>, que vem sendo oferecido desde o ano de 2009. A disciplina foi ministrada, até o momento, apenas uma vez, em 2011, com a participação de alunos de quatro<sup>4</sup> entre os nove polos envolvidos até 2013. Vamos focalizar, aqui, o desenvolvimento da unidade denominada “Memórias e reflexões: histórias de ensino de Matemática”, dedicada ao estudo de escritos autobiográficos como fonte para o conhecimento da história do ensino da Matemática.

Foi proposta aos alunos a leitura de seis fragmentos da escrita autobiográfica de autores brasileiros com referências ao ensino da Matemática que tiveram: Álvaro Moreyra, Felicidade Arroyo Nucci, Augusto Meyer, Sylvia Orthof, Humberto de Campos e Nelson Werneck Sodré. Os licenciandos leram, ainda, pequenos textos com informações sobre cada um desses autores.

Após essas leituras, os estudantes foram solicitados a realizar duas tarefas: 1) escolher os dois entre os fragmentos que mais lhes chamaram a atenção e escrever sobre eles, buscando relatar sua interpretação quanto às experiências com a Matemática

---

<sup>2</sup> Grupo História Oral e Educação Matemática, coordenado pelo Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica (Depto de Matemática – UNESP/Bauru e PPGEM – UNESP/Rio Claro). Site do grupo: [www.ghoem.com](http://www.ghoem.com).

<sup>3</sup> O curso funciona com sistema de tutoria à distância em Belo Horizonte e polos nas cidades mineiras de Araçuaí, Bom Despacho, Conceição do Mato Dentro, Corinto, Governador Valadares, Januária, Montes Claros e Teófilo Otoni.

<sup>4</sup> Trata-se dos polos iniciais do curso: Araçuaí, Conceição do Mato Dentro, Governador Valadares e Montes Claros.

relatadas; 2) produzir um texto narrando sua própria história de ensino de Matemática, desde os primeiros anos escolares até o ingresso no curso de licenciatura da UFMG.

Para orientar a escrita dessa narrativa autobiográfica, os alunos receberam um pequeno roteiro referente a aspectos de sua vida pessoal e escolar. Solicitou-se, também, que eles buscassem relacionar, na medida do possível, suas experiências com o ensino e aprendizagem da Matemática ao conteúdo estudado anteriormente na disciplina, referente ao desenvolvimento histórico do ensino da Matemática no Brasil.

Os escritos autobiográficos dos licenciandos nos dão indicativos acerca de seus contextos socioeconômico e sociocultural que nos parecem extremamente relevantes quando se considera que os contatos dos professores do curso com esses alunos se dão à distância, por meio da plataforma desenvolvida para esse tipo de formação. O minicurso abordará, além desses aspectos, as experiências com a Matemática relatadas pelos alunos.

### **3. A História Oral como abordagem didático-pedagógica na disciplina Política Educacional Brasileira em um curso de licenciatura em Matemática da Universidade Estadual Paulista**

Este trabalho aborda resultados parciais vinculados a uma pesquisa de mestrado<sup>5</sup>, cujo objetivo é analisar de que modo e em que medida a História Oral contribui como abordagem didático-pedagógica para a disciplina Política Educacional Brasileira (PEB) na formação do professor de Matemática. Na pesquisa, buscou-se envolver os licenciandos em situações relacionadas à sua futura atuação como docentes, considerando-se uma dupla função para a História Oral: como estratégia de intervenção – na disciplina PEB do curso de Matemática – e como estratégia de análise. Nessa segunda função, pressupostos que fazem parte do trabalho com História Oral como metodologia estão também nos auxiliando a analisar os resultados da estratégia proposta para formar professores de Matemática.

O exercício fundamental nessa empreitada foi usar a História Oral para tratar temas da disciplina PEB. Não se procurou subverter a forma tradicional como esses temas são trabalhados – através de leituras e discussões de documentos e artigos sobre as estruturas e o funcionamento do ensino que usualmente caracteriza a abordagem em um curso de formação de professores – embora consideremos imprescindível o estudo de fontes outras,

---

<sup>5</sup> Em desenvolvimento junto ao programa de Pós-graduação em Educação Matemática da UNESP – Rio Claro, essa pesquisa tem a FAPESP como agência de fomento.

de naturezas variadas. Assim como em Togura & Souza (2012), o que buscamos é o reconhecimento de que cada forma de trabalho possui suas potencialidades e suas limitações e de que a articulação de formas diferentes pode ampliar as possibilidades de aprendizagem.

O programa de PEB, no curso em que desenvolvemos nossas atividades, prevê que o futuro professor, a partir das discussões durante as aulas, seja capaz de, dentre outros aspectos: analisar com a necessária fundamentação teórica as atuais políticas públicas para a educação; refletir sobre a problemática da educação, enfatizando a educação fundamental e média, numa perspectiva de totalidade, aprendendo seus determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais; identificar a relação entre a política educacional e a organização e o funcionamento da unidade escolar.

Os temas elencados durante a atividade proposta na disciplina PEB, em colaboração com a professora responsável, foram: Educação e Política no Brasil; Memória: alguns aspectos da política educacional brasileira; Debate entre Exclusão e Inclusão; Educação x Professor de Matemática: métodos avaliativos no âmbito da sala de aula e cotidiano; Violência nas escolas. Esses cinco temas foram trabalhados, separadamente, por seis grupos de alunos, sendo o tema “Violência nas escolas” selecionado e focalizado por dois grupos diferentes.

O desenvolvimento dos trabalhos envolveu nove momentos, pautados em procedimentos comumente utilizados em pesquisas em História Oral: 1) apresentação e discussão dos fundamentos e procedimentos da História Oral aos alunos da disciplina; 2) escrita de memória individual sobre o tema – nesse momento, os alunos foram induzidos a escrever um relato sobre seus interesses pelo tema escolhido e seus conhecimentos sobre ele, levantando questionamentos que gostariam de propor a um(a) professor(a) em serviço disposto(a) a conceder-lhes uma entrevista sobre o tema; 3) leituras de textos, fornecidos pelos pesquisadores e professora responsável, referentes ao tema em estudo; 4) elaboração de roteiro de entrevista a realizar-se com um(a) professor(a) em serviço; 5) contato e realização de entrevista com professor(a) em serviço; 6) transcrição das entrevistas gravadas; 7) textualização das transcrições<sup>6</sup>; 8) legitimação das textualizações pelos

---

<sup>6</sup> Textualização “é o momento em que o pesquisador transforma mais radicalmente a transcrição, reordenando cronologicamente as informações e constituindo um texto coeso, pleno, sem os momentos de perguntas e respostas, assumindo para si a primeira pessoa do narrador.” (GARNICA, 2003, p. 17). Portanto, a textualização é um texto do pesquisador que respeita o conteúdo do depoimento, mas modificado em seu estilo.

entrevistados e assinaturas de cartas de cessão de direitos sobre tais textualizações; 9) apresentação do estudo para a turma de alunos da disciplina.

Apresentaremos alguns resultados do trabalho do grupo que estudou o tema “Debate entre Exclusão e Inclusão”. A entrevista realizada pelos futuros professores com uma profissional da área de educação especial possibilitou que eles conhecessem novos aspectos relativos ao assunto da inclusão, não abarcados na leitura realizada anteriormente<sup>7</sup>. Assim, tomaram conhecimento dos recursos disponíveis nas escolas municipais da cidade e se surpreenderam quanto ao atendimento oferecido, pois suas expectativas eram de um depoimento negativo quanto ao processo de inclusão no município. O trabalho possibilitou, ainda, compreender como se dá a inclusão de um aluno em uma sala de aula, considerando que ele terá mais atenção que os colegas<sup>8</sup>.

#### 4. Considerações Finais

Nas duas experiências aqui brevemente comentadas, as narrativas se constituíram como um caminho de inscrição do percurso pessoal e profissional dos licenciandos na História, que trouxe aportes ao desenvolvimento de sua compreensão crítica. Avaliamos que a utilização de narrativas biográficas e autobiográficas em História da Educação Matemática e Política Educacional Brasileira, duas disciplinas distintas ministradas em contextos completamente diferentes, contribuiu para a formação de professores de Matemática por ensinar uma autorreflexão produtiva e conduzir os alunos a uma forma mais ativa de aprendizagem e de pesquisa.

#### 5. Referências

BOLIVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa em educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001.

---

<sup>7</sup> DIAS, R. (Org.). A inclusão da exclusão. Jaboticabal, SP: Funep, 2010.

<sup>8</sup> Segundo uma das alunas que realizou o trabalho com o tema: “era uma preocupação nossa, na memória (individual), antes da entrevista, quer dizer, a gente coloca o aluno na sala de aula normal e ele não aprende nada e é feita uma coisa diferente com ele. Então, ele vai estar sendo excluído, mesmo assim, sabe? [...] E quando ela [a professora] falou que existe um tempo para os alunos irem na sala de recursos, fora da aula normal, em que eles [os professores] ensinam a usar o material dourado antes e, quando chega na sala de aula normal, eles já sabem um pouco. Então, isso facilita para a criança, eu acho que isso já é um tipo de inclusão”.



CAMPOS, H. **Memórias: Primeira Parte 1886-1900**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC. Editores, 1951.

CHAPMAN, O. Narratives in Mathematics teacher education. In: TIROSH, D.; Wood, T. (eds.) **Tools and Processes in Mathematics Teacher Education**. Sense Publishers, v. 2, p.15-38, 2008.

FERNANDES, D. Narrativas biográficas na formação inicial de professores de Matemática: Reflexões a partir de um olhar retrospectivo. In: SOUZA, E. C. (Org.). **Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente**. São Salvador; BA. Editora da Universidade Federal da Bahia, p. 115-160, 2011.

FREITAS, M. T. M.; FIORENTINI, D. As possibilidades formativas e investigativas da narrativa em educação matemática. **Horizontes** (EDUSF), v. 25, p. 63-71, 2007.

GARNICA, A.V.M. **Cartografias Contemporâneas: mapear a formação de professores de matemática**. 2012 (no prelo).

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr., 2002.

MEGID, M.A.B.A.; FIORENTINI, D. Formação docente a partir de narrativas de aprendizagem. **Interacções**, v. 7, p. 178-203, 2011.

MEYER, A. **Segredos da infância**. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966.

MOREYRA, A. **As Amargas, não... (Lembranças)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lux, 1955.

NACARATO, A. M. ; PASSEGGI, M.C.F.B.S. Narrativas da experiência docente em matemática de professoras-alunas em um curso de Pedagogia. **Anais do VI SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais**. Natal – RN, p. 1-14, 2011.

NUCCI, F. A. **Memórias de uma mestra escola**. São Paulo: Ed. da Autora, 1985.

ORTHOFF, S. **Se a memória não me falha**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas : Editora da UNICAMP, 2007.

SHULMAN, L. Those who understand: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, p. 4-14, fev., 1986.

SODRÉ, N. W. **Memórias de um soldado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

TOGURA, T. C.; SOUZA, L. A. História oral: formação de professores de matemática. In: **Anais do XI ESEM – Encontro Sul-Mato-Grossense de Educação Matemática**. Nova Andradina – MS, p. 1-9, 2012.